

País com cicatrizes abertas

The Washington Post

Quando Nelson Mandela foi libertado, em 1990, após 27 anos de prisão, o apartheid foi desfeito e substituído pela euforia do início da criação de uma democracia multirracial na África do Sul.

Dez anos depois, as feridas causadas por mais de quarenta anos de controle da minoria branca ainda estão abertas, e a "Nação Arco-Íris" ainda está dividida em quase todos os aspectos de sua vida cotidiana.

Como anfitrião da 3ª Conferência das Nações Unidas contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Correlata, que começa hoje, na cidade sul-africana de Durban, o país se orgulha de seus progressos rumo à reconciliação, mas admite

que a luta contra o racismo está longe do fim.

Da posse de terras à habitação e à maquiagem das equipes de esporte nacionais, as questões raciais ainda dominam o país, que jogou fora o racismo institucional e possui uma das constituições mais progressistas do mundo.

RESSENTIMENTOS

A pobreza ainda está quase que exclusivamente ligada à cor e os brancos controlam as fontes de riqueza do país. O sucessor de Mandela, o presidente Thabo Mbeki, chegou à conclusão de que a África do Sul está dividido em duas nações — a branca e rica, e a negra e pobre. As desigualdades causam ressentimentos, suspeitas e intolerância. Muitos negros se perguntam quais

são os frutos da democracia.

"Para pessoas comuns, as relações não mudaram desde o apartheid. Os brancos ainda mandam e moram nos subúrbios enquanto os negros são pobres e vivem em guetos", disse o chefe da Comissão de Direitos Humanos da África do Sul, Barney Pityana.

"A estrutura da sociedade não mudou. As relações sociais entre negros e brancos também não. Até mesmo em escolas integradas os pais não se misturam, nem como vizinhos", disse Pityana.

O ressentimento entre negros sul-africanos está enraizado na crença de que muitos brancos fracassaram nas mudanças e ainda vivem no tempo do apartheid, convencidos de que são superiores e da ideia de que o país está separado do resto da África.

Mbeki disse, em uma conferência nacional sobre racismo no ano passado, que os brancos, ao confrontarem o racismo, estavam impedindo a construção de uma nova sociedade. "Apesar de nossas intenções coletivas, o racismo continua a ser nosso companheiro". "Podemos não estar uns contra os outros — na luta contra o apartheid —, mas também não estamos uns com os outros", disse Mbeki.

Uma pesquisa divulgada este mês pelo Instituto de Relações Raciais da África do Sul revelou que 65% das pessoas confiam menos nos compatriotas hoje do que antes da democracia. A maioria dos entrevistados acha que as desigualdades aumentaram e que o racismo é um problema sério no país.